



PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

PRIMEIRA PARTE – QUESTÕES OBJETIVAS (100 pontos)

1ª QUESTÃO

A arte de imitar está muito afastada da verdade, sendo que por isso mesmo dá a impressão de poder fazer tudo, por só atingir parte mínima de cada coisa, simples simulacro. O pintor, digamos, é capaz de pintar um sapateiro, um carpinteiro ou qualquer outro artesão, sem conhecer absolutamente nada das respectivas profissões. No entanto, se for bom pintor, com o retrato de um carpinteiro, mostrado de longe, conseguirá enganar pelo menos crianças ou pessoas simples e levá-las a imaginar que se trata de um carpinteiro de verdade.

(PLATÃO. *A República* (Livro X). In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. p. 558.)

Sobre a relação entre arte e verdade, assinale a alternativa correta, segundo o pensamento platônico.

- a) As obras de arte estão distanciadas três graus da realidade, e, por isso, estão muito distantes da representação da verdade.
- b) Não poderíamos nos aproximar da verdade por meio das obras de arte, uma vez que elas apresentam somente uma representação das ideias.
- c) Existe um valor positivo da arte imitativa, mas no âmbito da cidade ela era corrosiva, pois, em relação à verdade, desloca a atenção que a política necessitava.
- d) As obras de arte são necessárias para uma aproximação da verdade, mas apenas no âmbito privado, negando dessa forma, sua função na cidade e, portanto, deveriam ser excluídas.

2ª QUESTÃO

É pois a Tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que suscitando o “terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções”.

(ARISTÓTELES. *Poética* (Capítulo VI). In: DUARTE, Rodrigo (org.). *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 37.)

Segundo o pensamento aristotélico, é correto afirmar que a Tragédia

- a) imita o cotidiano e os homens comuns, da mesma forma que a Epopeia, diferindo apenas em métrica.
- b) não é uma imitação dos homens, como na Comédia, mas de ações e de vida, de felicidade ou infelicidade.
- c) assim como a Comédia, procura imitar de modo apaixonado, os homens inferiores, focando em sua torpeza anódina e inocente.
- d) assim como a Epopeia, não se regula pela política e pela oratória, uma vez que a linguagem do cidadão foi substituída pela fala do orador.



3ª QUESTÃO

– Então, tomemos dessas pluralidades a que quiseres; a seguinte, por exemplo, se estiveres de acordo: leitos há muitos, e também mesas.

– Como não?

– Porém para todos esses móveis só há duas ideias: a ideia do leito e a ideia da mesa.

– Certo.

– Costumamos, também, dizer que os obreiros desses móveis têm em mira a ideia segundo a qual um deles apronta leitos e outros as mesas de que nos servimos, e assim para tudo o mais. Porém a ideia em si mesma, o obreiro não fabrica. Como o poderia?

(PLATÃO. *A República – livro X. In: MARÇAL, Jairo (org.). Antologia de textos filosóficos.* Curitiba: SEED, 2009. p. 553)

O trecho citado, retirado do Livro X da *República* de Platão, expressa

- a) a crítica à imitação como afastamento da verdade em três graus.
- b) um caso tipificado de contemplação das formas pela experiência.
- c) o reconhecimento da forma de leito e de cadeira por reminiscência.
- d) uma explicação do uno e do múltiplo pressupondo a teoria das ideias.

4ª QUESTÃO

Agora, porém, partirá injustiçado se de fato for embora, mas não por nós, as leis, e sim pelos homens; mas se fugir depois de tão vergonhosamente revidar injustiça com injustiça e o mal com o mal, rompendo os seus pactos e acordos conosco e ferindo àqueles que menos deveria – a si mesmo e aos amigos, ao país e a nós – , ficaremos zangadas com você...

(PLATÃO, *Crítion. In MARCONDES, Danilo. Textos básicos de filosofia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 25)

Com o argumento exposto no texto, Sócrates convence Crítion de que, apesar da pena que recebe, sua recusa a fugir faz sentido. Sobre o argumento de Sócrates, é correto afirmar que

- a) fugir é alternativa correta, porém a morte eleva a alma até as ideias, o Bem e a Verdade.
- b) as leis são injustas e seu destino é cumprir a sentença de morte, a verdade absoluta da vida, pois o Estado pretende uma verdade menor.
- c) as leis dizem a verdade que o Estado ordena, e os homens são livres para fugir ou submeter-se às leis, que são válidas conforme interesses.
- d) homens cometem injustiça e as leis representam a verdade, fugir consistiria em abdicar do que é precioso, o acordo com as leis e a reverência ao Estado.



5ª QUESTÃO

Texto 1 –

A questão é que nenhum deus persegue a sabedoria ou deseja tornar-se sábio, pois já o é; e ninguém mais que seja sábio persegue a sabedoria. Nem o ignorante persegue a sabedoria ou deseja ser sábio(...). O homem que não se sente deficiente não deseja aquilo de que não sente deficiência. (...) [A] necessidade de Amor tem que ser amiga da sabedoria e, como tal, deve situar-se entre o sábio e o ignorante.

(PLATÃO, *O Banquete*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.28)

Texto 2 –

É pela indagação que os homens começam agora e começaram originalmente a filosofar (...). Ora, quem indaga e está perplexo sente-se ignorante (...) de modo que, se foi para escapar à ignorância que os homens estudaram filosofia, é óbvio que procuraram a ciência pelo conhecimento e não por qualquer utilidade prática.

(ARISTÓTELES, *Metafísica*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, pp. 50-51)

Tendo como base apenas os trechos citados, considere as seguintes afirmações:

- I. Para ambos os autores, a filosofia demanda uma necessidade de conhecer.
- II. De acordo com texto 1, sentir-se ignorante não é próprio do ignorante nem do sábio.
- III. Para Platão a filosofia tem a mesma natureza divina que Eros.
- IV. Aristóteles supõe que o ser humano possui a necessidade prática de conhecer.

São afirmações corretas apenas

- a) I e II.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) I, III e IV.

6ª QUESTÃO

“SÓCRATES: E agora, Mênon, vê que progressos ele já fez em termos de memória? De início não sabia que linha forma a figura de oito pés e mesmo agora não sabe, mas antes achava que sabia e respondeu confiante como se soubesse, sem ter consciência das dificuldades; ao passo que agora sente a dificuldade em que se encontra e, além de não saber, não acha mais que sabe.”

(PLATÃO. *Mênon*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 35)

Dentre as características da filosofia socrática inferidas dos escritos de Platão, o trecho acima retrata

- a) o uso da dialética como meio de alcançar as verdades imutáveis da alma.
- b) o constante recurso a analogias e abundantes exemplos para testar definições.
- c) a crença na reminiscência ou recordação como meio de acessar o conhecimento.
- d) a convicção de que a investigação se inicia com um reconhecimento do não saber.



7ª QUESTÃO

Não temos exatamente uma vida curta, mas desperdiçamos grande parte dela. A vida, se bem empregada, é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para realização de importantes tarefas. Ao contrário, se desperdiçada no luxo e na indiferença, se nenhuma obra é concretizada, por fim, se não se respeita nenhum valor, não realizamos aquilo que deveríamos realizar, sentimos que ela realmente se esvai.

(SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 26.)

Tendo como base o texto acima, é correto afirmar que

- a) grande parte da ética apresentada por Sêneca está calcada na aceitação dos valores vigentes e da vida em sociedade de Roma.
- b) segundo Sêneca, a vida é breve e que temos que aproveitá-la da melhor maneira possível, inclusive com hábitos hedonistas.
- c) podemos encontrar nos escritos de Sêneca a influência da filosofia estoica, principalmente nas regras de vida desenvolvidas por ele.
- d) Sêneca desenvolveu seu pensamento sob os pilares da tradição Patrística latina, culminando na construção de um conjunto de regras morais.

8ª QUESTÃO

Pois se as coisas futuras e passadas existem, quero saber onde estão. Se ainda não posso sabê-lo, sei ao menos que, onde quer que estejam, ali não são futuras nem passadas, mas presentes. Pois se também ali forem futuras, ali ainda não estão, e se ali forem passadas, ali já não estão. Portanto, onde quer que estejam, o que quer que sejam, não são senão presentes.

(AGOSTINHO. *Confissões*. Livro XI. In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. pp. 42)

Agostinho declara, no livro citado de suas *Confissões*, o desconhecimento sobre a natureza do tempo. O trecho reproduzido remete a uma hipótese levantada pelo autor de que

- a) o futuro é tornado presente pela mente que antecipa uma ação e o passado é trazido para o presente pela memória.
- b) a transformação do futuro em presente e este em passado é fruto da corrupção de que todas as coisas materiais sofrem.
- c) o passado e o futuro não existem, sendo ambos gerados do não-ser e reconduzidos ao mesmo pela passagem do tempo.
- d) os fatos passados podem ser conhecidos dos homens, pelo recurso à História, ao passo que o futuro só existe na mente divina.



9ª QUESTÃO

Vemos que as coisas que não têm inteligência, como, por exemplo, os corpos naturais, agem para uma finalidade, o que se mostra pelo fato de sempre ou frequentemente agirem da mesma forma, para conseguirem o máximo, donde se segue que não é por acaso, mas intencionalmente, que atingem seu objetivo. As coisas, entretanto, que não têm inteligência só podem procurar um objetivo dirigidas por alguém que conhece e é inteligente, como a flecha dirigida pelo arqueiro. Logo, existe algum ser inteligente que ordena todas as coisas da natureza para seu correspondente objetivo: a este ser chamamos Deus.

(AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica* (I, Questão 2). In: MARCONDES, Danilo (org.). *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 71.)

Ao elaborar a quinta via racional da existência de Deus, Tomás de Aquino

- a) demonstrou empiricamente que a existência de Deus é uma verdade racional, a partir da finalidade dos seres.
- b) utilizou a teoria da finalidade dos seres, de base aristotélica, para demonstrar como a ordem natural tem origem em Deus.**
- c) desenvolveu uma prova a partir da finalidade dos seres com base na filosofia platônica, alicerce do pensamento medieval escolástico, exemplificado nesta quinta via.
- d) concluiu que o ser humano somente consegue chegar às verdades sagradas por meio da iluminação, processo que o faz compreender a finalidade dos seres.

10ª QUESTÃO

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundamentei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão muito duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências.

(DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas* (1ª Meditação). In: MARCONDES, Danilo (org.). *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 74.)

Na primeira Meditação, René Descartes (1596-1650) desenvolveu a dúvida metódica e a possibilidade de se alcançar o conhecimento seguro. É correto afirmar que, também nesta meditação, o filósofo apresentou

- a) a ideia de uma vontade limitada, que desalinhada ao entendimento, nos conduziria ao erro.
- b) um argumento ontológico para a existência de Deus a partir das ideias inatas.
- c) o questionamento dos sentidos como fonte confiável de conhecimento.**
- d) o argumento do *cogito* como primeira verdade indubitável.



11ª QUESTÃO

Parece, então, que a ideia de uma conexão necessária entre os eventos surge de uma quantidade de situações similares, que decorrem da conjunção constante desses eventos. Tal ideia não pode nunca ser sugerida por qualquer dessas situações, inspecionada em cada posição e sob todas as abordagens possíveis. Mas não existe nada, em uma quantidade de situações, diferente de qualquer situação singular supostamente similar às outras; exceção feita apenas ao fato de, após uma repetição de situações similares, a mente ser levada pelo hábito a esperar, quando um evento aparece, aquilo que costuma acompanhá-lo, acreditando que esse acompanhamento vai acontecer.

(HUME, David. *Uma investigação sobre o entendimento humano*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 106)

De acordo com Hume, a crença de que um fenômeno X causa um fenômeno Y

- a) é derivada da análise de cada um desses fenômenos separadamente.
- b) surge pela observação empírica da conexão necessária entre X e Y.
- c) justifica-se racionalmente pela conjunção constante desses fenômenos.
- d) dá-se na mente acostumada à frequência com que Y se segue de X.

12ª QUESTÃO

“Uma vontade perfeitamente boa estaria do mesmo modo submetida a leis objetivas (do bem), mas nem por isso poderia ser representada como obrigada a ações conforme a leis, porque ela por si mesma, de acordo com sua constituição subjetiva, somente pode ser determinada pela representação do bem.”

(KANT, *Fundamentação da metafísica dos costumes*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 121.)

Sobre o conteúdo desse trecho da obra de Kant citada, é correto afirmar que:

- a) a constituição subjetiva da vontade humana a desobriga de agir conforme o Imperativo Moral.
- b) a vontade perfeitamente boa é consoante ao Imperativo ou Lei Moral.
- c) quando submetida a leis objetivas, a vontade humana é perfeitamente boa e, portanto, pode-se deixar seguir sem obrigação o Imperativo Moral.
- d) a vontade humana pode motivar uma ação conforme imperativos hipotéticos e, portanto, não é uma obrigação agir seguindo a Lei Moral.



13ª QUESTÃO

“O credo que aceita como fundamento da moral o Útil ou Princípio da Máxima Felicidade considera que uma ação é correta na medida em que tende a promover a felicidade e errada quando tende a gerar o oposto da felicidade. Por felicidade entende-se o prazer e a ausência da dor; por infelicidade, dor ou privação do prazer”.

(STUART MILL, John. *O utilitarismo*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p.129)

O trecho retirado da obra de Mill expõe o princípio utilitarista de ação moral. Qual das sentenças abaixo é uma razão utilitarista para tratar animais não humanos com dignidade, tanto em pesquisas quanto em relação ao consumo de carne?

- a) As questões de saúde envolvendo a legislação sobre laboratórios e abatedouros.
- b) A virtude da bondade que se manifesta no cuidado com qualquer forma de vida.
- c) A ciência de que animais conscientes são capazes de manifestar prazer e dor.
- d) O apelo religioso de que toda forma de vida é sagrada e querida por Deus.

14ª QUESTÃO

Todos compreendem o quanto seja louvável a um príncipe manter a palavra dada e viver com integridade e não com astúcia. Contudo, pela experiência de nossos tempos, vê-se que certos príncipes realizaram coisas notáveis, mas tiveram em pouca conta a fé dada e souberam com astúcia manejar a cabeça dos homens. Superaram, enfim, aqueles que se apoiaram na sinceridade.

(MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe* (Capítulo XVIII). In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009, p. 457.)

A partir do trecho selecionado, marque a opção em que se encontra a melhor definição para o pensamento político maquiaveliano, em relação à filosofia política desenvolvida na Grécia Clássica.

- a) Diferentemente do pensamento desenvolvido na Grécia Clássica, a obra de Maquiavel revela o realismo político sob uma análise das ações humanas.
- b) Diferentemente do pensamento desenvolvido na Grécia Clássica, a obra de Maquiavel revela o idealismo político sob uma análise ideal do Bom Governo.
- c) Semelhante ao pensamento desenvolvido na Grécia Clássica, a obra de Maquiavel revela o idealismo político sob uma análise ideal do Bom Governo.
- d) Semelhante ao pensamento desenvolvido na Grécia Clássica, a obra de Maquiavel revela o realismo político sob uma análise das ações de sua época.



15ª QUESTÃO

“Tudo aquilo que se infere de um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, infere-se também do tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida pela sua própria força e pela sua própria invenção. Numa tal condição (...) não há sociedade; e o que é pior do que tudo, um medo contínuo e perigo de morte violenta. E a vida do homem é solitária, miserável, sórdida, brutal e curta.

(HOBBS, *Leviatã*, I, XIII. In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba:SEED,2009.)

De acordo com o texto e o pensamento de Hobbes, é correto afirmar que

- a) a única saída para defesa da sociedade é a guerra de todos contra todos, embora a vida se torne com isso insustentável e curta.
- b) faz-se necessário o estado político, com o que a sociedade se preserva e garante a justiça, isso estabelecido por contrato.**
- c) o homem tem de ser por natureza um animal político, pois no Estado Civil a política é um erro, o contrato insuficiente para inibir a guerra de todos contra todos.
- d) o homem está fadado irreversivelmente ao extermínio, mesmo delegando poder de representação da garantia de seu direito à vida a um soberano estabelecendo o contrato.

16ª QUESTÃO

Portanto, a moralidade, a religião, a metafísica, assim como todo o resto das ideologias e suas formas correspondentes de consciência, não conservam mais o semblante de independência. Elas não possuem uma história, um desenvolvimento; são os homens que, desenvolvendo suas produções materiais e seus intercâmbios materiais, alteram junto com tais processos sua existência real, seu pensamento e os produtos de seu pensamento.

(MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 136)

A partir do trecho acima citado de Marx e Engels, pode-se afirmar que a ideologia é

- a) qualquer sistema de pensamento que determina as relações humanas.
- b) uma forma de compreensão da economia e das trocas materiais em sociedade.
- c) um produto imaterial do modo como os seres humanos se organizam materialmente.**
- d) uma orientação político-partidária que orienta que tipo de sociedade se quer construir.



17ª QUESTÃO

(...) a poesia é adequada a todas as Formas do belo e se estende sobre todas elas, porque seu autêntico elemento é a bela fantasia (...).

(HEGEL. *Cursos de estética*. In: DUARTE, Rodrigo. *O belo autônomo*. Belo Horizonte: Autêntica/Crisálida, 2012. p.202.)

De acordo com o texto e o pensamento de Hegel, é correto afirmar que

- a) a poesia é adequada a todas as Formas do belo porque a fantasia, inerente a ela, é necessária a toda produção da beleza, em qualquer Forma em que se expresse.
- b) a poesia abdica do espírito tornado livre em si mesmo, o qual se afasta progressivamente de todas as Formas do belo.
- c) para sua realização, a poesia necessita do material externo e sensível, por isso se estende a todas as Formas do belo.
- d) para sua realização, a poesia está presa ao material exterior e sensível, tanto como imbuída do espírito do belo.

18ª QUESTÃO

Aqui, nesse perigo supremo da vontade, aproxima-se a *arte*, como feiticeira salvadora, como feiticeira da cura; somente ela é capaz de converter aqueles pensamentos nauseantes acerca do terrível ou absurdo da existência em representações com as quais se pode viver: são elas o *sublime* enquanto aplacamento artístico do terrível, e o *cômico* enquanto descarga artística da náusea do absurdo.

NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*. In: DUARTE, Rodrigo. *O belo autônomo*. Belo Horizonte: Autêntica/Crisálida, 2012. p.247.

Considerando o texto, pode-se afirmar que, para Nietzsche, a arte

- a) ilude o pensamento sobre o sublime e o cômico da existência, desmotivando o desejo de viver.
- b) é desnecessária e indesejável para a vontade forte que suporta o terrível e o absurdo da existência.
- c) despreza as representações do sublime e do cômico por corresponderem aos pensamentos sobre o terrível e o absurdo da existência.
- d) converte em representações, como a de sublime e a de cômico, os pensamentos sobre o terrível ou o absurdo do ser, os quais são o perigo supremo da vontade.



19ª QUESTÃO

(...) a arte fica amputada de todo o conteúdo e supõe-se no seu lugar um elemento tão formal como a satisfação. Bastante paradoxalmente, a estética torna-se para Kant um hedonismo castrado, prazer sem prazer, com igual injustiça para com a experiência artística, na qual a satisfação atua casualmente e de nenhum modo é a totalidade, e para com o interesse sensual, as necessidades reprimidas e insatisfeitas...

ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. In: DUARTE, Rodrigo. *O belo autônomo*. Belo Horizonte: Autêntica/Crisálida, 2012. p.371-372.

Considerando essa crítica de T. Adorno à concepção estética de Kant, pode ser afirmado que

- a) o Belo é algo noumênico que requer desprendimento das intuições sensíveis *a priori* apresentadas na Estética Transcendental.
- b) as obras de arte não são imediatamente realizações de desejos, mas transformam a libido primeiramente insatisfeita em realização socialmente produtiva.
- c) a satisfação desprovida do interesse, como este é entendido por Kant, torna-se satisfação de algo tão indefinido que não serve para nenhuma definição do Belo.
- d) as obras de arte, mesmo sublimadas, pouco diferem de representantes das emoções que tornam aquelas irreconhecíveis por uma espécie de trabalho onírico.

20ª QUESTÃO

“(...) é fácil conceber o condicionamento social do atual declínio da aura. Ele repousa sobre duas circunstâncias, e ambas se relacionam com o aumento crescente das massas e a crescente intensidade de seus movimentos. (...) Unicidade e duração se entrelaçam na imagem assim como volatilidade e repetibilidade na reprodução.”

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: DUARTE, Rodrigo. *O belo autônomo*. Belo Horizonte: Autêntica/Crisálida, 2012. p.286.

De acordo com o trecho, é correto afirmar que

- a) a reprodução se distingue de maneira inconfundível da imagem.
- b) com a repetibilidade se perpetua a aura, a qual se torna presente na reprodução.
- c) o aumento crescente das massas garante a preservação da imagem, o que renova a aura.
- d) a singularidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto de reprodução e da massa.



21ª QUESTÃO

(...) E na introdução à dialética transcendental, Kant diz: “Verdade ou aparência não se encontram no objeto na medida em que ele se dá na intuição e sim no juízo a seu respeito, na medida em que é pensado.”

A caracterização da verdade como “concordância”, *adequatio*, *omoiosis*, é, de certo, por demais vazia e universal. (...)

(HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*, § 44, b). In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p.156.)

A partir do trecho da obra *Ser e tempo* de Heidegger, pode ser afirmado que

- a) Kant apresenta uma concepção de verdade que discute o próprio conceito de verdade.
- b) Kant também se ateu ao conceito de verdade como concordância, a qual se encontra no juízo a respeito do objeto.**
- c) Heidegger, assim como Kant, afirma que a caracterização da verdade como concordância é vazia e universal.
- d) Heidegger aponta que a verdade entendida como juízo é que é vazia e universal, por ser correspondência afastada da adequação entre sujeito e objeto.

22ª QUESTÃO

Até os doze anos a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada.

(BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9-10.)

Os estudos de Simone de Beauvoir (1908-1986) contribuíram incontestavelmente para os debates acerca da situação da mulher e a luta para a igualdade de gênero. A partir do trecho acima, assinale a opção que melhor demonstra o problema apresentado pela filósofa.

- a) Beauvoir afirma a distinção entre os sexos e inaugura o pensamento de uma feminilidade que faz parte da condição humana da mulher. A natureza feminina é que compõe seu ser enquanto mulher.
- b) Beauvoir discute a consolidação da posição social da mulher, pois, biológica e psiquicamente suas distinções se apresentam de forma clara para um tratamento diferenciado em relação aos homens.
- c) Não há, para Beauvoir, qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos. Esse é um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas.**
- d) A ideia de que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” representa o ápice da filosofia feminista presente em *O segundo sexo*, afirmando que, por natureza, qualquer um pode-se tornar mulher socialmente.



23ª QUESTÃO

“Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos só, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.”

(SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. p.624)

Identifica-se, no texto acima, o pensamento existencialista de Sartre, segundo o qual o ser humano

- a) encontra-se num mundo sem sentido definido, onde as escolhas por ele feitas remetem somente a ele, sem amparo em valores *a priori*.
- b) não é responsável por seus atos, porque não se criou a si mesmo e porque não escolheu existir, não devendo nada aos outros.
- c) está só e sem desculpas, perdido num mundo, onde suas escolhas resultam de um contexto de causas estranhas a ele.
- d) está condenado a ser livre e, por essa razão, deve ser responsabilizado por tudo o que acontece ao seu redor.

24ª QUESTÃO

Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos linguagem, digo que não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações, motivo pelo qual empregamos a mesma palavra para todas – mas são *aparentadas* entre si de muitas maneiras diferentes. Por causa deste parentesco, ou destes parentescos, chamamos a todas de “linguagens”. (...) Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que por meio das palavras “semelhanças familiares”; pois assim se sobrepõem e se entrecruzam as várias semelhanças que existem entre os membros de uma família (...). [O]s ‘jogos’ formam uma família.

(WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.169)

O conceito wittgensteiniano de “semelhanças familiares”

- a) é um jogo de linguagem utilizado pelo autor para resolver todos os problemas tradicionais da filosofia.
- b) é uma crítica à perspectiva filosófica de que é possível definir linguagem por meio de uma condição necessária.
- c) é uma definição por analogia, em que linguagem está para família como jogos está para parentesco.
- d) é constatação de que há tal identidade entre os tipos de linguagem de modo a permitir tratar-se de uma família.



25ª QUESTÃO

Durante muito tempo acreditei que eu era perseguido por um tipo de análise dos saberes e dos conhecimentos tais como eles podem existir em uma sociedade como a nossa: o que se sabe acerca da loucura, acerca da doença, o que se sabe do mundo, da vida? Ora, creio que esse não era meu problema. Meu verdadeiro problema é aquele que é, aliás, um problema atualmente de todo mundo, o do poder.

(FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009, p. 232-233.)

A questão do poder aparece em várias obras de Michel Foucault (1926-1984). É correto afirmar sobre o pensamento do filósofo a esse respeito que

- a) a exploração econômica e a formação da propriedade privada condicionaram relações de poder até então nunca vistas, desaguando nas grandes revoluções da primeira metade do século XX.
- b) em relação ao poder, Foucault concentrou seus estudos na origem da miséria, que no século XIX foi palco de grandes discussões, incluindo a obra marxista refletindo sobre as mazelas oferecidas à maioria da população por conta do capital.
- c) a obra de Foucault, basicamente, instalou o problema do poder na relação econômica entre os Estados e, se os problemas econômicos estivessem resolvidos, o problema relacionado ao excesso de poder também estaria.
- d) em sua obra, Foucault percebeu não somente o excesso de poder no aparelho de estado capitalista, como o fascismo, e socialista, como o stalinismo, mas nas relações entre os indivíduos, uns sobre os outros.



PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

SEGUNDA PARTE – QUESTÕES DISCURSIVAS (100 pontos)

1ª QUESTÃO

Valor total da questão: 25 pontos

Necessário é dizer e pensar que só o ser é; pois o ser é, e o nada, ao contrário, nada é: afirmação que bem deves considerar. Desta via de investigação, eu te afasto; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois é a ausência de meios que move em seu peito, o seu espírito errante. Deixam-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa, para a qual o ser e o não-ser é considerado o mesmo e não o mesmo, e para a qual em tudo há uma via contraditória.

PARMÊNIDES. Poema: as duas vias (§6). *In: MARCONDES, Danilo (org.). Textos básicos de filosofia.*
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 13.

Trata-se de uma única e mesma coisa: a vida e a morte, a vigília e o sono, a juventude e a velhice; pois a mudança de um leva ao outro e vice-versa.

HERÁCLITO. Fragmentos: o mobilismo (88). *In: MARCONDES, Danilo (org.). Textos básicos de filosofia.*
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 17.

Segundo a tradição, Parmênides de Eleia e Heráclito de Éfeso são considerados dois dos mais importantes filósofos pré-socráticos. Suas filosofias são distintas e encontramos na História da Filosofia alguns pensadores que tentaram conciliar suas teorias. Desenvolva o pensamento de Parmênides e Heráclito e apresente a proposta da saída deste impasse por algum filósofo posterior.



2ª QUESTÃO

Valor total da questão: 25 pontos

Vi claramente que todas as coisas boas podem, entretanto, se corromper, e não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, nem tampouco se não fossem boas. Se fossem absolutamente boas seriam incorruptíveis, e se não houvesse nada de bom nelas, não poderiam se corromper. Com efeito, a corrupção é nociva e se não reduzisse o bem não seria nociva. Portanto, ou a corrupção não prejudica em nada, o que não é admissível, ou todas as coisas que se corrompem são privadas de algum bem; quanto a isso não há dúvidas. Mas se fossem privadas de todo o Bem, deixariam completamente de existir. Se existissem e não pudessem ser alteradas, seriam melhores porque permaneceriam incorruptíveis. O que seria mais monstruoso do que afirmar que as coisas se tornariam melhores ao perderem todo o Bem? Por isso, se privadas de todo o Bem, deixariam totalmente de existir. Portanto, enquanto existem, são boas.

(AGOSTINHO. Confissões (VII). In: MARCONDES, Danilo (org.). *Textos básicos de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 63.)

Agostinho, neste trecho selecionado, desenvolveu o problema da existência do mal. Este tema ainda é passível de discussão, principalmente entre os alunos do Ensino Médio. Apresente o problema da existência do mal em Agostinho e justifique sua utilização em um programa de Ensino Médio com base nos documentos oficiais sobre o Ensino de Filosofia (PCN, PCN+ e OCEM).



3ª QUESTÃO

Valor total da questão: 25 pontos

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda vida política.

(ARENDR, Hannah. *A condição humana*. Capítulo 1) Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2013. p. 8-9)

No trecho acima, H. Arendt ressalta a pluralidade como condição da política. Disserte sobre essa tese, utilizando também, se necessário, a filosofia de outros autores. Procure, em seu texto, justificar a importância dessa discussão com os alunos do Ensino Médio.



4ª QUESTÃO

Valor total da questão: 25 pontos

A Filosofia cumpre, afinal, um papel formador, uma vez que articula noções de modo bem mais duradouro que outros saberes, mais suscetíveis de serem afetados pela volatilidade das informações. Por conseguinte, ela não pode ser um conjunto sem sentido de opiniões, um sem-número de sistemas desconexos a serem guardados na cabeça do aluno que acabe por desencorajá-lo de ter idéias próprias. Os conhecimentos de Filosofia devem ser para ele vivos e adquiridos como apoio para a vida, pois do contrário dificilmente teriam sentido para um jovem nessa fase de formação.

(BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (Ciências Humanas – Filosofia). Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 28.)

Disserte sobre o problema do ensino da filosofia no contexto escolar contemporâneo, apresentado no texto anterior, tendo como base os documentos oficiais (PCN, PCN+ e OCEM). Apresente, em seguida, um planejamento para o primeiro trimestre da primeira série do Ensino Médio, em que esse problema seja considerado.

